



# A EX

SE VOCÊ ACHA QUE ELA FOI EMBORA, SE ENGANOU.

# FREIDA MCFADDEN



## PRÓLOGO

### A EX

Quando meu *namorido* de muitos, muitos (muitos) anos me convidou para jantar fora para discutirmos um “assunto importante”, uma única coisa passou pela minha cabeça.

Já estava mais que na hora.

De todos os nossos amigos, Joel e eu éramos os que estavam juntos havia mais tempo. Não vou dizer quanto tempo; é constrangedor. Digamos apenas que dancei nas festas de casamento de amigos que estavam juntos havia metade do tempo que nós dois. Para completar, alguns meses antes, minha irmã tinha se casado. Minha *irmã caçula* se casou antes de mim. Na Índia, existe a regra de que a filha mais velha deve se casar antes de qualquer irmão e irmã mais novos, e acho que já passou da hora de fazermos o mesmo no Ocidente. Porque, caso contrário, você acaba sentada sozinha no casamento da sua irmã caçula enquanto suas tias lhe dão tapinhas na mão e garantem que “a próxima será você”, e isso faz você se esconder em uma cabine do banheiro para comer bolo em paz.

Joel não tinha podido ir ao casamento porque precisou cobrir um plantão no pronto-socorro aquele dia. Pelo menos foi o que ele me disse. Depois do que aconteceu, preciso pensar a respeito.

Mas na noite em questão não havia mais ressentimentos quando entrei na churrascaria lotada onde Joel e eu nos encontraríamos para jantar, já

que ele estava indo direto do hospital. As mesas ficavam tão grudadas umas nas outras no espaço reduzido que precisei me contorcer para atravessar o salão. Era proibido fumar no estabelecimento havia muitos anos, mas ainda dava para sentir o cheiro de cigarro impregnado na madeira das mesas e cadeiras e no piso pegajoso.

Aquela era exatamente a churrascaria onde tivemos nosso primeiro encontro oficial, muitos anos antes. Se isso não era um sinal de que ele estava prestes a fazer o pedido, o que seria? Mal tive tempo para trocar de roupa depois do trabalho e fiz o melhor que pude. No mês anterior, havia comprado o vestidinho preto mais perfeito de todos, e andava doida por uma ocasião para usá-lo. Passei quase uma hora usando o modelador de cachos, tentando deixar meu cabelo o mais sedoso e brilhante possível. Adorava a cara que Joel fazia quando me via com uma roupa sexy; a boca dele se abria de leve e um sorriso se espalhava pelo rosto.

A primeira pista de que havia algo errado foi Joel estar usando o traje cirúrgico verde do hospital. Não que Joel estar de uniforme fosse algo fora do comum. Ele era médico do pronto-socorro local e, se fosse socialmente aceitável, só se vestiria assim. Eu lavava nossa roupa todos os domingos e, normalmente, uma das lavagens incluía apenas uniformes hospitalares. Ele os usava sempre que eu não enchia seu saco para que vestisse roupas de verdade. Jeans e camiseta bastavam. Eu não era exigente.

Então não foi nenhuma *surpresa* vê-lo de uniforme. Mas, se a ideia era me pedir em casamento, ele não estaria vestindo algo melhor? E o fato de ele estar usando um traje cirúrgico fazia com que eu me sentisse ridícula, arrumada demais com meu vestidinho preto.

A caminho da mesa, vi quando uma garçonete se aproximou para falar com Joel. Não devia ter mais que 22 anos, quadris curvilíneos e cabelo loiro e, antes que eu chegasse à mesa, a mão dela já estava pousada no ombro dele. Joel em roupas comuns já chamava a atenção, com os penetrantes olhos azuis, o sorriso tímido e o corpo esbelto porém musculoso. Mas, de uniforme, era irresistível.

– Oi. – Ele ergueu os olhos ao me ver. Parecia cansado, só que isso também não era novidade. – Você chegou.

A garçonete, com relutância, tirou a mão do ombro do meu namorado. A maneira como reagiu a mim não me surpreendeu nem um pouco; acon-

tecia o tempo inteiro. Olhos percorrendo meu corpo de cima a baixo, avaliando a concorrência. Mas, por fim, ela nos deixou a sós.

– Como foi o plantão? – perguntei, me acomodando na cadeira em frente a ele.

Seu rosto se iluminou como sempre acontecia quando falávamos do trabalho dele. Nunca vi ninguém que amasse tanto o próprio trabalho quanto Joel. Desde que nos conhecemos, quando ainda estava no primeiro ano de medicina, ele sabia que queria trabalhar no pronto-socorro. Vivia para o trabalho. Era a coisa mais importante da vida dele.

Agora as coisas estão bem mudadas. Agora que ele está com *ela*.

– Fiz o diagnóstico de uma trombose venosa cerebral – disse ele. – Dois dias atrás, eles deram alta pra uma garota prescrevendo só um analgésico pra dor de cabeça. Mas eu identifiquei o problema.

– Ou seja... – Abri um sorriso para ele. – Você salvou a vida dela.

– Bem... – Ele baixou os olhos. Joel tinha essa característica: nunca foi de ficar se achando. – Talvez. Com certeza alguém acabaria descobrindo. Além disso, eu passei a paciente pra neurologia, então, se alguém vai salvar a vida dela, são eles.

– É claro que você a salvou – insisti.

Porque, embora meu namorado sempre relutasse em falar sobre as próprias conquistas, eu não tinha problema nenhum em fazê-lo. Falava sobre o grande Dr. Joel Broder para qualquer pessoa que quisesse ouvir. Não falava da boca pra fora; de fato acreditava em tudo o que dizia. Sentia muito orgulho de tudo o que ele havia conquistado durante o tempo em que estivemos juntos. A meu ver, não havia ninguém melhor do que ele. Nenhum médico melhor. Nenhum homem melhor.

Nenhuma pessoa melhor com quem passar o resto da vida.

Ainda acredito nisso. Apesar de tudo o que aconteceu depois.

– Tem muita gente que eu não salvo – disse ele.

Mesmo sem que ele dissesse abertamente, eu sabia a quem estava se referindo. Um mês antes, um sujeito tinha morrido do nada no pronto-socorro. Um homem jovem, mais ou menos da nossa idade. Chegou reclamando de uma leve dor no peito que foi classificada como “provável azia”. Joel não tinha nem chegado a ir vê-lo quando soou o alerta de emergência. E, apesar de ter corrido até o quarto, não consegui salvar-lo. “Parada cardíaca”, disse ele.

O baque foi grande para Joel. Ele foi para o quarto, deitou na cama e passou horas olhando para o teto sem dizer nada. Não consegui nem fazer com que ele jantasse, apesar de ter preparado seu prato preferido: espaguete com molho marinara caseiro e almôndegas. Preciso de quase duas horas para essa receita ficar perfeita, mas era a favorita dele. “Como você faz pra deixar as almôndegas tão gostosas?” (O ingrediente secreto é *butter-milk*; dica da minha avó, que é italiana, mas nunca contei para ele.)

Naquela noite, acordei às duas da manhã e ele não só não estava na cama, como não estava em casa. Quando liguei freneticamente para o celular dele, ele disse que estava “dando uma volta”. Voltou só ao amanhecer – sei disso porque fiquei acordada, esperando. Levou dias para que Joel voltasse a agir normalmente. E ele ainda passava o tempo inteiro pensando naquilo, não havia dúvida.

Nunca consegui entender. Ele tinha visto dezenas de pessoas morrerem durante a carreira. Centenas, talvez. Por que aquela morte específica o abalara tanto?

– Ele também era médico – lembrou Joel, à mesa do restaurante. – Eu te contei isso? Especialista em medicina hospitalar em um hospital no Centro. Um colega nosso do pronto-socorro fez faculdade com ele.

– Ah – respondi, porque não sabia direito o que dizer.

Não queria falar sobre morte. Não naquele momento. Era a coisa menos romântica possível.

Ele tomou um gole de sua bebida acobreada. Eu não sabia o que era, mas não era o vinho ou a cerveja de sempre. Parecia e cheirava a... bourbon. Jamais o tinha visto tomar destilado antes. Bem, não era exatamente verdade. Mas não desde que ele se formara em medicina.

Foi a segunda pista de que havia algo errado. Mesmo assim, ignorei e segui em frente.

– Então – falei alegremente –, você disse que queria conversar comigo. Algum assunto *importante*?

Quando revivo aquela noite na minha cabeça, é a partir desse momento que o constrangimento começa a vir.

– Sim. – Ele esfregou a nuca. Os olhos evitavam os meus. Olhei para o bolso da camisa dele, tentando encontrar o contorno da caixa da aliança. – É o seguinte...

*Você quer se casar comigo?*

– Eu... – Ele tossiu no punho fechado e tomou outro gole da bebida. – Ando pensando muito ultimamente, sabe? Depois que aquele cara...

– Não foi culpa sua, Joel.

– Eu sei, mas a questão não é essa. – Ele esfregou os olhos com os nós dos dedos. – É só que... eu não consigo parar de pensar nele. Ele estava... tipo, longe de ser do grupo de risco. Era saudável. Jovem... como eu. *Médico*, como eu. E ele simplesmente... bateu as botas. Sem aviso. Só... – Ele estalou os dedos. – Simples assim.

Aquilo não parecia um pedido de casamento. Se fosse, era mesmo muito, muito ruim.

– Bem – falei, tentando reverter a situação –, esse tipo de coisa faz com que a gente... reavalie a própria vida. Siga em frente. Certo?

Compre uma casa. Tenha filhos. Envelheça ao lado de alguém. Sentadinhos em uma varanda em cadeiras de balanço iguais, de mãos dadas.

Os olhos de Joel se iluminaram.

– É exatamente disso que eu tô falando.

– Que maravilha! – Estendi o braço para pegar a mão dele do outro lado da mesa, mas ele a puxou antes que eu pudesse alcançá-la. – Que bom que a gente pensa igual.

– Acho que é melhor assim. – Ele pegou a bebida e agitou o líquido acobreado. – Eu e você... a gente não tá dando certo. Não mais. E é melhor seguir em frente, em vez de...

– *Como é que é?* – Meu coração parou por um segundo. – A gente não tá dando certo? Do que você tá falando?

– Estou falando de... – Ele piscou algumas vezes, aturdido. – Não foi isso que você quis dizer? Que cada um deveria... tomar seu rumo? Seguir em frente?

– O quê? Não! – Praticamente cuspi as palavras. As pessoas começaram a se virar e a nos encarar. – Eu disse seguir *em frente*. Tipo... casar.

E este é o momento da lembrança em que o constrangimento *de fato* toma conta. O queixo de Joel caiu.

– *Casar?*

– Ué, por que não? – Meu coração martelava dentro do peito. Fiquei imaginando se Joel se sentiria mal se eu caísse dura ali. – Estamos juntos há séculos. Moramos juntos. Damos supercerto juntos. E... eu te amo.

Essa era a hora em que ele deveria dizer que também me amava. Fiquei lá sentada, esperando que ele fizesse isso. Mas não. Ele simplesmente afundou na cadeira, encarando a bebida.

– Desculpa – disse ele. – É que... o nosso relacionamento não tá mais fazendo sentido pra mim.

Não estava mais *fazendo sentido* pra ele? E o que isso significava? Até agora não consigo entender. Eu me senti como uma funcionária que ele decidiu dispensar por não ter mais utilidade. Ou talvez por ser velha demais.

Mais tarde, quando vi a garota com quem ele começou a sair logo depois, a última opção se mostrou verdadeira. E não estou brincando ao dizer “garota”.

– Joel, eu te amo – repeti. – Por favor. Não faz isso. Você é tudo na minha vida. – Meus olhos se encheram de lágrimas. – Por favor.

Se tem uma coisa que eu gostaria de poder apagar daquele dia, seriam as súplicas. Nunca me considerei uma mulher fraca, então ainda sinto a dor dessa humilhação: implorar a um homem que não me deixasse. Mas era verdade. Joel era tudo na minha vida. Eu o amava mais do que já tinha imaginado amar um homem. Era um amor de conto de fadas. E contos de fadas sempre têm final feliz.

– Desculpa – repetiu ele, incapaz de me encarar. – Você... você pode ficar no apartamento.

– Eu não tenho como pagar o aluguel sozinha – respondi.

Adorava meu trabalho e era muito boa nele, mas meu salário era insignificante em comparação ao dele.

– Eu te ajudo a pagar, então – falou ele. – Até você encontrar outro lugar.

Ele foi muito legal. Essa é a marca registrada de Joel: ele é um cara legal. Sempre gentil, atencioso e *bondoso*. Teve dois meses de folga depois de terminar a faculdade e, em vez de usar esse tempo para se divertir com os amigos, decidiu pegar um avião até o Senegal para trabalhar como voluntário em uma clínica. Fui com ele e me ofereci para ajudar no que pudesse. Tomamos as vacinas juntos (a da febre amarela me deixou particularmente mal), estocamos remédio contra malária e passamos seis semanas morando juntos em uma cabana. O quarto que dividíamos era só um pouco maior do que nosso closet, e o ventiladorzinho no canto do quarto não ajudava em nada a dissipar o calor sufocante. Depois de uma semana, estava coberta de

picadas de mosquito da cabeça aos pés. Mas, por algum motivo, foram as seis semanas mais felizes da minha vida.

– E se voltássemos ao Senegal? – sugeri, me agarrando à lembrança de quando tínhamos sido felizes juntos. – Poderíamos fazer trabalho voluntário outra vez. Não?

Ele balançou a cabeça.

– Não... não faria...

Eu estava ficando sem ideias. Sentia que poderia convencê-lo a não terminar se conseguisse encontrar as palavras certas.

– Por favor, não faz isso – sussurrei. – Por favor.

Mais súplicas. Eca. Juro que não costumo ser tão patética assim.

Analisei o rosto de Joel, seus cílios claros, o cabelo castanho grosso e o rubor subindo pelo pescoço.

– Tem outra pessoa? – perguntei.

– Não – respondeu ele, de pronto. – Não tem ninguém.

Era óbvio o que estava nas entrelinhas: *ainda* não. Haveria alguém em algum momento. Outra mulher. Uma que ele um dia consideraria digna de casamento, de uma casa grande, de filhos, de cadeiras de balanço combinando – todas as coisas para as quais eu não era boa o suficiente. Porque eu e ele não *fazíamos sentido*.

– Não faz isso comigo – falei, o volume da minha voz superando o barulho do restaurante.

Joel odiava escândalo. Evitava a todo custo. Eu o estava deixando muito desconfortável naquele momento, embora a culpa fosse dele por fazer aquilo comigo dentro de um restaurante. Pensei que talvez ele achasse que, se terminasse comigo em casa, eu destruiria o lugar inteiro. Mas eu não fazia ideia de que, enquanto conversávamos, seu amigo Pete estava tirando todas as coisas dele do apartamento para que não estivessem lá quando eu voltasse.

Joel olhou ao redor. Metade das pessoas no restaurante nos encarava naquele momento. Ele parecia muito desconfortável. Um músculo se contraiu em sua mandíbula.

– Desculpa – repetiu ele pela terceira vez.

Em seguida, se levantou, jogou algumas notas na mesa e saiu correndo do restaurante.

Fiquei atônita. Pouco antes, eu estava planejando uma vida com o homem que amava. Quinze minutos depois, estava tudo indo por água abaixo.

Dizem que há uma linha tênue entre o amor e o ódio. Naqueles poucos segundos entre o momento em que Joel Broder se levantou e o momento em que a porta do restaurante se fechou atrás dele, meu amor por ele começou a se transformar em ódio. Não foi tudo de uma vez naquele dia, mas, com o tempo, passei a odiá-lo. A odiar o fato de não ser boa o suficiente para a vida que ele imaginava para si mesmo. A odiar a compaixão que vi em seus olhos quando se ofereceu para cobrir o aluguel do apartamento porque sabia que eu não tinha condições de pagar sozinha. Passei a desprezar a garota que ele conheceria e que um dia tomaria o meu lugar no altar quando ele finalmente estivesse pronto para se casar. Muito mais do que odiar Joel, passei a odiar aquela mulher sem nome e sem rosto.

Queria me vingar dele pelo que tinha feito comigo.

E dela.

Essa era minha intenção desde o início. Quando terminou comigo naquela noite, Joel levou minha vida inteira com ele: minha casa, meus amigos, minha dignidade. Eu jamais conseguiria recuperar nada disso. Só queria ficar em pé de igualdade.

Nunca tive a intenção de matar ninguém. Juro.

## UM A ATUAL

Há três negócios que ninguém em sã consciência gostaria de ter no século XXI:

1. Uma agência de viagens
2. Uma locadora de vídeo
3. Uma livraria

Ao longo de toda a vida adulta, Cassie Donovan sempre comprou pacotes de viagem pela internet, e entrar em uma locadora para alugar um DVD para assistir com a família era apenas uma lembrança remota. Nem tinha mais um aparelho de DVD.

No entanto, lá está ela, organizando o recém-adquirido lote de livros levemente surrados nas estantes do sebo que herdou dos avós, Bea e Marv. Tinha apenas 22 anos quando assumiu o negócio, pouco depois de sair da faculdade. Ninguém mais no clã Donovan manifestou interesse em assumir as rédeas de um sebo que tentava sobreviver em meio ao crescente mercado de livros digitais e de vendas on-line. Mas Cassie sempre teve uma paixão por livros e não permitiria que a Leituralândia fechasse as portas.

Ela tira da caixa um livro cheio de orelhas. *Rebecca*, de Daphne

Du Maurier, um de seus favoritos. Mas clássicos nunca vendem. Vai ter sorte se conseguir um dólar por esse livro. E um dólar não é suficiente para manter o sebo em funcionamento.

– O que você tá fazendo aí atrás, Cassie?

A voz da amiga e sócia, Zoe Malloy, vem da frente da loja. As duas foram colegas de quarto na faculdade e, quando a Leituralândia caiu no seu colo, Cassie decidiu propor sociedade a Zoe. O diploma de contabilidade de Cassie ajuda a manter as contas sob controle (ou a tentar), mas é Zoe quem entende de vendas. É indiscutível: quando Zoe está na frente da loja, elas vendem mais livros do que quando Cassie está lá. Talvez seja o brilho natural de Zoe. Talvez seja sua técnica como vendedora ou o diploma em Comunicação. Seja o que for, Cassie jamais vai ser tão boa naquilo quanto Zoe.

– Já terminou? – grita Zoe.

A Leituralândia é minúscula, mas mesmo assim dá para se perder lá dentro. Por todos os lados há prateleiras cheias de livros; vovó Bea deu um jeito de enfiar uma quantidade absurda de estantes naquele espacinho e, às vezes, Cassie fica com medo de que todas desabem feito dominós.

– Cassie? – insiste a amiga.

– Só um minutinho! – grita ela, enquanto coloca os últimos livros em uma prateleira.

Cassie limpa as mãos na calça jeans skinny e vai até Zoe, que está sentada em uma das banquetas em frente ao caixa. Não são muito confortáveis, mas as cadeiras antigas haviam literalmente caído aos pedaços seis meses antes, e ela encontrou os dois banquinhos na rua, na frente de um prediozinho de tijolos no Centro. Zoe a ajudou a levá-las para a loja.

Cassie detesta admitir, mas a Leituralândia vem passando por dificuldades financeiras. Ainda não conseguiu tirar o sebo do buraco em que se encontrava quando vovó Bea morreu.

Mas vai conseguir.

De um jeito ou de outro.

Zoe tem um livro aberto à sua frente. Ela gosta de ler tanto quanto Cassie, mas prefere os mais recentes. A capa exibe a imagem de uma mulher com uma gota de sangue pingando de uma presa que desponta de seus lábios. Romances de vampiro não são a praia de Cassie, mas Zoe os devora – e eles vendem muito mais do que os clássicos. Zoe também tem a aparência ideal,

com o cabelo preto cortado na altura do queixo, batom vermelho-escuro, pele muito branca e esmalte preto nas unhas. Zoe é linda e um pouquinho assustadora, mas na medida certa.

Zoe insiste que venderiam mais livros se Cassie a deixasse maquiá-la, mas até então ela vem resistindo. Cassie usa apenas uma camada de batom, quando se lembra de passar – e às vezes nem isso. Esse era um desses dias em que ela não havia se lembrado.

Mas não é só a maquiagem. Zoe simplesmente é mais simpática do que Cassie. Ela sabe puxar assunto com um cliente como ninguém; todo mundo fica amigo dela. Até fez amizade com a moradora de rua que ocupa o vão entre o sebo e a farmácia ao lado. Pelo visto, o nome dela é Maureen.

– DG – murmura Zoe. – À direita.

É triste, mas Cassie sabe exatamente o que o código enigmático significa. DG significa “Doutor Gostoso”. A Leituralândia fica a apenas um quarteirão de distância de um grande hospital universitário e tende a receber uma boa quantidade de médicos recém-formados e estudantes de medicina em busca de livros técnicos. Infelizmente, a Leituralândia não vende livros de medicina. Então, o que para Zoe é um colírio para os olhos, para Cassie é pura frustração.

Ainda assim, ela segue as orientações de Zoe, olha na direção indicada e... bem, o cara é mesmo a definição de DG. O traje cirúrgico verde deixa claro que é médico. E o fato de ser gostoso... bem, com certeza não está em discussão. Cabelo grosso e escuro levemente desgrenhado pelo vento, olhos da cor do mar e um belo físico.

– Vi primeiro – diz Zoe, mesmo tendo namorado.

– Tá bem.

Zoe tamborila os dedos, exibindo as unhas pretas brilhantes. Cassie nunca viu unhas tão compridas. A amiga alega que se trata principalmente de uma questão de autodefesa. Nova York é uma cidade perigosa. Ela diz que as unhas lhe poupam uma boa grana em spray de pimenta.

– Pode ficar com ele se quiser muito.

– Não quero.

– Por que não? Ele é lindo. E não tem aliança.

– Sei lá. – Cassie olha para o cara de jaleco, que folheia um gibí meio amassado. – É muito velho.

– Muito *velho*? – Os lábios vermelhos de Zoe formam um O. – Como assim, muito velho? Ele tem uns 30 e poucos, no máximo.

Cassie completou 26 anos há alguns meses.

– Pois é. Ele é uns dez anos mais velho do que eu.

– Você tá brincando, né? É perfeito. Os homens amadurecem mais tarde, comparados às mulheres, então a gente precisa sair com caras dez anos mais velhos.

Cassie não tem certeza se concorda. Mal consegue lidar com homens de sua idade, imagine com homens mais velhos.

Zoe estreita os olhos.

– Quando foi a última vez que você saiu com alguém, Cassie?

Cassie rapidamente se ocupa em organizar os marcadores de livros em cima do balcão. Foram feitos por Zoe e geram alguma renda para complementar o que elas ganham com os livros. Zoe é realmente talentosa, poderia ser artista se quisesse.

– Não sei.

– Mas... e aí? Você não gosta mais de homem, é isso?

– Eu só estou... ocupada.

É verdade. Cassie vem investindo cada gota de energia e de tempo para impedir que a Leituralândia feche as portas. Espalhando panfletos pela vizinhança inteira, negociando propagandas baratas e mantendo a loja aberta pelo máximo de horas possível. Não tem tempo para namorar. Não agora. Talvez um dia.

Não ajuda em nada o fato de todos os encontros que ela teve nos últimos anos terem sido uma decepção. E seu último relacionamento foi tão desagradável que a última coisa que quer é se amarrar a alguém.

Cassie acha que Zoe vai continuar perturbando-a por conta de sua vida social. Mas, em vez disso, Zoe respira fundo e a cutuca com força.

– Olha o DG aí. Faz uma cara bonita.

De fato, o sujeito de jaleco está se aproximando do balcão. Agora que Cassie o vê de perto, fica claro que ele é muito um Doutor Gostoso. Os olhos azuis são tão intensos e sensuais que Cassie hesita um pouco quanto à decisão de se manter fora do mercado de relacionamentos. Mas só um pouquinho.

Em geral, um cara como ele iria imediatamente na direção de Zoe, mas,

em vez disso, se aproxima de Cassie. Ele a olha nos olhos e abre um sorrisinho cativante.

– Oi – diz ele.

Irrracionalmente, Cassie torceu para que, ao falar com ela, ele tivesse um bafo horroroso de café, dentes amarelos e podres ou *qualquer* outra coisa que o tornasse menos atraente, mas não. Ele tem dentes brancos perfeitos e um cheiro de ar fresco misturado com loção pós-barba.

Zoe a cutuca de novo.

– Oi – responde Cassie.

Ela fica esperando que ele diga a mesma coisa que todos os outros caras de traje hospitalar dizem quando entram na Leituralândia: “Pode me ajudar a encontrar (preencha com o nome de um livro técnico)?”

Mas ele não diz nada disso. Um vinco se forma entre suas sobrancelhas, e ele fala:

– Estou atrás de um exemplar de *O morro dos ventos uivantes*.

Se Cassie estivesse bebendo algo, teria cuspidado tudo de um jeito bem dramático. Esse homem lindo em roupa de médico quer um exemplar da maior história de amor de todos os tempos?

– *O morro dos ventos uivantes*?

Ele assente.

– Você tem?

– Claro.

E, nesse momento, o coração dela dispara. Não porque vai ser sua primeira venda da tarde, mas porque talvez valha a pena abrir um espaço na agenda para um cara que gosta desse livro.

– Vem comigo, por favor – diz ela.

Cassie sai de trás do balcão, e ele a acompanha diligentemente até os fundos da loja. Ela o leva até as quatro estantes estreitas classificadas como “Clássicos”. Os livros estão cobertos por uma fina camada de poeira, porque ninguém nunca folheia essa seção, a não ser um adolescente ou outro, por conta de algum trabalho escolar. A placa “Clássicos” exhibe a caligrafia de vovô Marv – Bea não trocou nenhuma das plaquinhas escritas pelo falecido esposo, mesmo depois de desbotadas. E, agora que os dois se foram, Cassie jamais vai tocar nelas, mesmo que o papel comece a se desintegrar.

Ela pega um dos dois exemplares expostos na prateleira e sopra a poeira o mais discretamente possível.

– Prefere capa dura ou brochura?

Ele morde o lábio.

– Hum... qual deles está em melhores condições?

– Os dois estão em excelente estado – afirma Cassie, tentando não parecer indignada.

– Desculpa, não quis ofender. – O sorrisinho volta. – É que o livro não é pra mim. É pra minha mãe. É aniversário dela.

– Você tá comprando um livro *usado* de aniversário pra sua mãe?

Ele baixa a cabeça.

– Não é o que você tá pensando. A minha mãe... ela gosta que os livros tenham uma história. Ela quer imaginar quem foi o dono antes, os lugares por onde passou...

Ela sorri.

– Parece a minha avó.

Vovó Bea vivia dizendo coisas desse tipo. Toda vez que recebia uma nova remessa de livros, erguia cada volume, levava ao nariz e cheirava. Dizia que, dependendo da editora, cada livro tinha um cheiro diferente. Os da Penguin, por exemplo, têm cheiro de baunilha. Mas cada jornada atravessada por um livro lhe conferia outro odor único. *Cigarros*, dizia ela. Ou talvez: *Chanel*. Ela inventava histórias sobre o dono de cada livro. Cassie adorava ouvir essas histórias tanto quanto gostava de ler.

Cassie pega o volume de capa dura da prateleira e devolve a brochura. As páginas estão amareladas de tão gastas.

– Esse livro foi doado por uma mulher de meia-idade – diz ela. – Ela o lia no parque enquanto esperava o amante casado chegar. Os dois conseguiam ficar juntos por uma hora todos os dias, mas ele não podia deixar a esposa porque ela estava doente e ele tinha medo de que o choque a matasse. Sempre dizia à mulher que seria só por mais um tempinho e logo poderiam ficar juntos. Então a mulher se encontrava com ele dessa maneira todos os dias, e assim foi por um ano... cinco anos... vinte, até que...

Ele ergue as sobrancelhas.

– Até que?

Ela sorri.

- Sei lá. Acabei de inventar tudo isso. O que você acha que acontece?
- Acho que eles dão um jeito de ficar juntos. Um final feliz.
- Mas e a esposa? Ela não merece um final feliz?

Ele ri. Tem uma risada agradável que mostra uma fileira de dentes brancos.

- É filosofia demais pras duas da tarde. - Ele cruza os braços, e ela percebe bíceps muito bonitos escapando pela manga do uniforme. - A propósito, posso te fazer uma pergunta?

- Claro.
- O que é DG?

O queixo de Cassie cai. Ele ouviu Zoe. Que maravilha.

- DG? - repete ela, baixinho.
- Eu ouvi a sua colega dizer isso. - Os olhos dele brilham. - Quando eu estava indo até você. Ela disse: "Olha o DG aí."

Ela vai *matar* Zoe.

- Humm, é... a gente não tava falando de você, não. DG significa... designer... gráfico.

- Designer gráfico?
- É, pra fazer a logo do sebo. - Cassie tenta dar de ombros, mas apenas um ombro entra em ação. - Estou pensando em contratar um. É isso.
- Aham, claro. - Ele assente. - Contratei um designer tempos atrás pra fazer meu cartão de visitas. Gostei. Valeu a pena o investimento.

Ah, que ótimo, agora ele é especialista em identidade visual. Como se ela pudesse pagar por esse tipo de coisa. Tem sorte de não terem cortado a eletricidade. Mas qualquer coisa é melhor do que admitir que estavam secando o cara do outro lado da loja.

- Então - diz ele -, quanto custa o livro?

Cassie vira o volume e revela o preço no verso: 20 dólares, o que parece um pouco caro para um livro usado (não é de admirar que nunca tenha sido vendido). Vovó Bea deve ter colocado o preço. Ela era superprotetora com os exemplares de *O morro dos ventos uivantes*, principalmente depois que vovô Marv morreu.

Ela abre a boca para responder 10 dólares, mas, antes que isso aconteça, ele diz:

- Tá bem, vou levar.

– Ótimo. Vou passar no caixa.

– Obrigado... – Ele hesita, com uma sobrancelha levantada.

– Cassie – conclui ela.

– Cassie – repete ele. Em seguida, aponta o polegar para o peito. – Joel.

Ela assente, sem saber por que estão se dando ao trabalho de se apresentar. Ele vai comprar o livro e ela nunca mais vai vê-lo. Não parece que ele é um grande amante de literatura, que vai retornar várias vezes para fazer compras.

Cassie registra o livro, tentando não pensar no fato de que é a primeira vez que abre o caixa esta tarde. Por quanto tempo vai conseguir manter a loja aberta?

Joel tira uma nota de 20 dólares da carteira e a estende para ela. O polegar dele roça de leve nos dedos dela quando Cassie pega a nota, e ela sente um formigamento na mão. Uma sensação esquecida, mas nem um pouco indesejada. Talvez Zoe esteja certa. Talvez ela precise voltar ao mundo dos relacionamentos.

– Gostei desses marcadores – comenta Joel, interrompendo os pensamentos dela.

Ela se anima, imaginando se consegue cavar outra venda. Ou ao menos manter esse homem lindo aqui por mais algum tempo.

– São feitos à mão.

Ele ergue as sobrancelhas.

– *Você* que fez? São incríveis. Você é muito talentosa.

– Não fui eu – admite ela, com pesar. – Foi a Zoe.

Zoe levanta os olhos de seu romance de vampiro. Olha do médico para a amiga, balança a cabeça e depois suspira alto.

– Doutor Gostoso – anuncia.

Cassie vira a cabeça para olhar para a colega de trabalho. Joel arregala os olhos.

– É isso que DG significa – esclarece Zoe, enquanto apoia o livro na mesa. – Doutor Gostoso. A gente viu você ali parado e concordamos que você era um médico gostoso, então... bem, acho que já deu pra entender.

– Ela bate com a unha comprida no balcão. – Ah, o Doutor Gostoso ficou vermelho.

Cassie estava tentando desviar os olhos, mas pelo jeito Zoe está certa.

Joel não está parecendo um tomate, como acontece com Cassie quando ela fica constrangida (como certamente está agora), mas as orelhas dele estão rosadas e ele está esfregando a nuca.

– Vocês *dois* estão vermelhos! – Zoe bate palmas como se o Natal tivesse chegado mais cedo. – Que *fofo*. – Ela se concentra em Joel. – Você deveria chamar ela pra sair, DG. Ela com certeza vai aceitar.

Se Zoe não fosse sua sócia, Cassie a demitiria.

– É... – Ele tosse. – Cassie, você... quer dizer, será que eu posso te ligar um dia desses?

– Uau. – Zoe cruza os braços. – Pra um Doutor Gostoso, você é *péssimo* nisso. Só chama ela pra sair. Ela tá livre a semana inteira, todas as noites.

*Pelo amor de Deus...*

Ele puxa a gola em V do uniforme.

– O que você acha, Cassie? Tá livre na sexta à noite?

– Estou – admite ela.

Assim como sábado, domingo, segunda...

Um sorriso ilumina o rosto dele. Um cara tão bonito não deveria ficar tão nervoso ao convidar uma garota aleatória para sair. Isso faz Cassie pensar se ele passou muito tempo em um relacionamento do qual só escapou recentemente, por isso está um pouco enferrujado. Ela tenta tirar essa ideia da cabeça.

– Ótimo – diz ele. – Posso te buscar aqui?

Ela assente e descobre que seus lábios estão esticados em um sorriso.

## CONHEÇA OS LIVROS DE FREIDA McFADDEN

O detento

Até o último de nós

A sete chaves

O filho perfeito

A mulher em silêncio

A ex

### SÉRIE A EMPREGADA

A empregada

O segredo da empregada

O casamento da empregada (apenas e-book)

A empregada está de olho



Este e outros títulos do nosso catálogo estão disponíveis em audiolivro.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

